

Catedral de Bragança, 16.06.2016
25º Aniversário da Ordenação sacerdotal
Sei que o Amor é tudo

1. Fazer Memória grata

Na memória muito grata da graça recebida no sacerdócio ordenado, é uma enorme felicidade celebrar convosco as maravilhas do Senhor, porque em mim fez misericórdia. Agradeço a Deus-Amor em todo o coração por tanto bem confiado, especialmente, nestes 25 anos de sacerdócio: *«em Vós está a fonte da vida e é na Vossa luz que vemos a luz»* (Sl 35). Ao mesmo tempo peço, com humilde esperança, o perdão por todas as sombras e pecados diante de tamanha graça derramada pelo bálsamo da unção espiritual.

O pastor *«sabe que o amor é tudo»* (Papa Francisco). Este é o segredo que nasce do Mistério e que se vive no ministério que serve para servir, porque o ministério sacerdotal é um *«amoris officium»*, como Santo Agostinho tão expressivamente comentou acerca do evangelho de S. João. A caridade pastoral ou o ofício do amor sacerdotal, recebido pela imposição das mãos, deve ser o de apascentar o rebanho do Senhor, no dom total de si à Igreja, e não apascentar-se a si mesmo.

Aquele 16 de junho de 1991 era Domingo e na tarde desse dia, na igreja do Seminário de S. José, D. António Rafael assim se referiu ao sacerdócio durante a homilia: *«Acontecimento tão sobre-humano, tão divino, que só pode ouvir-se em adoração, e rezar-se pelo “Magnificat” e celebrar-se em júbilo»*. De facto, a letra e a música do cântico Magnificat convergem inteiramente na misericórdia divina. Por isso, sob o olhar da Mãe de Misericórdia, agradeço e bendigo a Deus-Amor e como Maria testemunho: *«a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. O Todo Poderoso fez em mim maravilhas: Santo é o Seu nome»* (Lc 1, 50-51).

Na mesma alegria lembro os outros meus irmãos que celebram os 25 e 50 anos de ordenação presbiteral, como já o fizemos na Missa Crismal, especialmente os da nossa amada Diocese: P. José Carlos (16.06.91), P. Carlos Fonseca, P. Manuel Mendes, P. Alfredo Silva e Hérmino Ferreira. Em Portugal, somos 40 a celebrar os 25 anos de sacerdócio.

Com viva gratidão louvo a Deus pelos meus pais (o pai já na Páscoa eterna, a mãe, a grande testemunha da vida e da fé entre nós), irmãos, cunhados, sobrinhos, afilhados e todos os familiares. Agradeço ao Senhor nosso Deus: pelos Papas: Beato Paulo VI, João Paulo I, S. João Paulo II, Bento XVI (29.06.16 - 65 anos de sacerdócio) e Francisco; pelos Bispos: D. Manuel de Jesus Pereira (que me crismou), D. António José Rafael (3x vezes me impôs as mãos: Episcopado, Presbiterado e Diaconado), D. António Montes Moreira (ambos com

mérito), D. Manuel António Pires e todos os meus irmãos e amigos no episcopado); pelos Presbíteros; pelos Diáconos; pelos Párocos da Missão de Santo António do Dumbi e de Parada; pelos Formadores e Colegas dos Seminários em Vinhais, Bragança e no Porto; pelos Catequistas; pelos Professores; pelos Amigos; pelos Seminaristas; pelas famílias; pelas Paróquias; pelas Unidades Pastorais; pelos Arciprestados; pelas Pessoas Consagradas; pelos Leigos; pelo Cabido; por todos os Organismos de Comunhão na Diocese; pelos Movimentos; pela Cáritas Diocesana; pelas Fundações canónicas; pelos Centros Sociais Paroquiais; pelas 14 Santas Casas da Misericórdias; pelas Confrarias; pelas Irmandades; pelas Escolas; pelo Instituto Politécnico de Bragança; pela Visita Pastoral; pelas Crianças; pelos Jovens; pelos Adultos; pelas Pessoas Idosas, especialmente os doentes e todas as pessoas que vivem no sofrimento, na solidão, no isolamento, na prisão, na deficiência, na ignorância, na pobreza, na depressão, no stress, no desemprego e na migração.

Agradeço igualmente pela colaboração recíproca com as Instituições autárquicas, civis, académicas, das forças da segurança, da solidariedade social, da comunicação social e por todas as pessoas que buscam o Bem, a Justiça, a Paz e a Verdade na sua vida.

Um vivo e profundo agradecimento ao Mons. Vigário Geral, à Cúria Diocesana, aos Presbíteros, aos Diáconos, às Pessoas consagradas e aos Leigos, aos muitos organismos diocesanos, à Unidade Pastoral Senhora das Graças e ao Seminário de S. José, que colaboraram com ele para a tão nobre simplicidade deste dia inesquecível. Bem-hajam pelo vosso testemunho de generosidade, de amizade, de lealdade e de fé! É para mim uma grande lição de humildade e de eclesiologia da Igreja Local, manifestando o fruto da sinodalidade peregrina e da Igreja, Família de Famílias, nesta nossa muita amada Diocese.

2. Ferida especial do coração

A vocação (Is 6, 1-8) é um encontro interior e indizível com o Senhor. Deus chama Isaías a uma missão em favor do povo e, na fé, ele arrisca a vida, aceitando ser enviado. O mais importante para o Profeta é Deus. O fundamental da sua mensagem é desafiar no povo o encontro com a santidade de Deus. A fé é a atitude decisiva e fundamental do ser humano diante de Deus e, por isso, tem sempre de nos incomodar e nunca acomodar.

A propósito, gostaria de recordar as palavras do Cardeal Martini, de viva memória: *«a vocação é uma ferida especial do coração. A verdade da oração pelas vocações é alcançada quando ressoa a oração de Isaías: “Senhor, eis-me aqui. Podeis enviar-me”. Convido-vos a rezar assim»*. Deixemo-nos ferir pela realidade quotidiana, especialmente pelas situações de pobreza e de dificuldade.

Será que a nossa Diocese, onde tantos já se sentem chamados ao serviço da catequese, ao serviço da liturgia e ao serviço da caridade, não está em condições de oferecer mais membros para serem discípulos missionários no Matrimónio, no Sacerdócio, na Vida Consagrada, no Serviço e na Missão? Aqui na Catedral, no domingo, dia 10 de julho, véspera de S. Bento nosso patrono, terei a graça de ordenar 2 novos presbíteros e um diácono. E que bom seria admitir outros três ao Seminário Maior Interdiocesano de S. José. Corações ao alto!

Seguir Cristo compromete. É uma escolha de vida ou de morte! Mas não há que ter medo, pois à semelhança de Isaías, que vê, escuta e fala, a jovem de Nazaré, Maria, no seu dinamismo total diante do Anjo do Senhor que a convida para uma indescritível vocação, responde: *Eis-me. «Faça-se em Mim, segundo a Tua Palavra»*, como que antecipando a oração do Pai-Nosso, quando rezamos: *«seja feita a Vossa vontade»*.

No fim do relato, o Anjo sai em silêncio *«retirando-se de junto dela»*. Aqui começa o grande desafio da fé. Maria na fé é o exemplo de quem nunca se cansa de procurar o rosto de Deus e escutar a voz do silêncio. Ela evangeliza com toda a sua pessoa e confia plenamente Naquele que nela confiou, pois só a confiança pode conduzir ao Amor. *«O coração é a catedral do silêncio e é a porta de Deus»* (E. Ronchi), lugar da escuta e dos infinitos recomeços. A vasta iconografia universal da Anunciação é uma representação do mistério da fé, o invisível se torna vem habitar visível. Na Anunciação, a Santíssima Trindade habitou em Maria e tornou-a participante ativa da Sua santidade misericordiosa.

3. Deus acrescenta

Como Maria, S. José é o modelo do vigilante ou *episcopê* fiel. Na Bíblia, o nome José significa: Deus acrescenta, do verbo *iasàf* – acrescentar. E como escreve E. De Luca: *«a sua biografia esbate-se na sombra larga do filho»*. Também nós, os pastores, hoje sentimos que podemos fazer de S. José, como no conto de Natal, escrito pelo grande Miguel Torga: *«Consoamos aqui os três – disse, com a pureza e a ironia dum patriarca. – a Senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José»*.

Não basta demonstrar Deus, é necessário mostrar os mistérios de Cristo. Tudo é graça. É o mistério e a graça da nossa vocação, qual *«sarça ardente de amor gratuito na presença do qual podemos apenas, como Moisés, tirar as sandálias (cf Ex 3, 5)»* (Papa Francisco). Na terra sagrada do outro, daqueles a quem somos enviados, temos de reaprender a tirar as sandálias, a estar descalços dos preconceitos, dos juízos, das intrigas eclesiais, das murmurações, das indiferenças, para caminhar na proximidade e na sinodalidade da santidade misericordiosa, porque *«os santos são as chamas do fogo sagrado»* (D.M. Tuoldo), que nos mostram o *«futuro com memória - lições de vida e de história»* (Adriano Moreira).

A obediência apostólica ou pastoral define-se essencialmente a partir da escuta, acolhimento e disponibilidade radical para seguir a vocação, na entrega total de si, como Cristo: «eis que eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade» (Hb 10, 7) e «para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10).

Na miséria do coração, acolho a santidade misericordiosa e canto em *Magnificat* e *Te Deum*, com o ardor dos Santos, conforme o documento pós-conciliar mais importante, segundo o Papa Francisco ao referir-se à *Evangelii Nuntiandi*: «*Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua para nós, (...), um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desanimados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo*» (Paulo VI), para mostrar os surpreendentes mistérios de Cristo.

Nestes 25 anos vivi o ministério sacerdotal aqui em Bragança-Miranda (8 anos) em Roma (12 anos), especialmente no Pontifício Colégio Português e no Pontifício Ateneu de Santo Anselmo e outros serviços eclesiais, e desde 2011 novamente aqui em Bragança-Miranda, como servidor bispo do Evangelho da Esperança. Por todos os irmãos e irmãs que me continuam a ajudar nesta peregrinação da fé a celebrar Deus, fonte de toda a santidade misericordiosa.

Como Pedro quero continuar a dizer: «*Tu sabes tudo. Tu bem sabes que sou deveras teu amigo*» (Jo 21, 17), para dar a vida por todos, à imitação de Jesus, o bom, o belo e único Pastor, sabendo que só me foi dada a missão de pastorear e não me foi transferido o rebanho. Aqui reside o núcleo da graça da grandeza e da limitação no alegre seguimento de Jesus Cristo. Aqueles que receberam a graça de apascentar, isto é, nós os pastores, não deixamos de ser ovelhas e cordeiros de Cristo, porque sabemos que o Amor é tudo e Ele nos ama muito.

Por tudo, «*nós Vos glorificamos, Pai Santo, porque sois grande, e tudo criastes com sabedoria e amor*» (Oração Eucarística IV) e «*e Vos damos graças porque nos admitistes à Vossa presença, para Vos servir nestes santos mistérios*» (Oração Eucarística II).

+ José Manuel Cordeiro